

PESQUISA-FORMAÇÃO: PROCESSOS FORMATIVOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

**GABRIELA DE MORAES DAMÉ¹; MARIA HELENA MENNA BARRETO
ABRAHÃO²; JAISON JOSÉ BASSANI³**

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – gabrielamdame@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – abrahamhmb@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Catarina – jaisonbassani@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

No contexto da Pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2, causador da Doença do Coronavírus (Corona Virus Disease: CoViD-19), o cenário da educação formal transformou-se, migrando do ambiente institucional, sendo introjetado no ambiente doméstico, mediado também pela família, havendo uma intersecção e atravessamento dos tipos de educação, a saber: formal, informal e não-formal.

Desde a segunda semana de março de 2020, novos desafios se impuseram às redes educacionais brasileiras em todos os níveis de formação. Para citar alguns, desta mudança abrupta, o tempo recorde para alterar e transpor o sistema de ensino, da necessidade de passar de presencial para remoto, mediado por dispositivos móveis que tornavam a falta de equipamentos para maioria das famílias e alunos uma impossibilidade de comunicação e formação, o que aprofundou as desigualdades sociais, escolares e de ritmos de aprendizagem, como também dificultou a adequação dos conteúdos por professores que tinham dificuldades para colocar-se em movimento no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. (KARNAL, 2020)

Essa mudança já era esperada e analisada pelos cientistas sociais, mas não da maneira como precisou ocorrer. Recorre-se à Antônio NÓVOA (2018), ao citar Michel SERRES, que identifica três revoluções na história da humanidade: “A primeira foi a invenção da escrita, 5000 anos atrás; a segunda foi a invenção do livro impresso, e lá se vão 500 anos; a terceira é a revolução digital, que estamos vivendo hoje”. NÓVOA (2018) diz, ainda, que se aprende de maneira diferente em cada época.

Em conferência na UFSC, NÓVOA (2018) destacou a importância de criarmos novos ambientes educativos. A pandemia nos obrigou a efetuar de forma drástica essas mudanças, pressionando essa discussão, neste momento em que vivemos, ou alguma parte da população vive. No modelo remoto fomos transpostos a processos de ensino-aprendizagem baseados em ambientes virtuais por meio dos dispositivos móveis, aliados ainda à tecnologia do livro e recursos da educação a distância, como utilização de audiovisuais e interação síncrona e assíncrona entre professores e estudantes.

Assim, a família assume papel fundamental na mediação das aprendizagens formais, agora em ambiente doméstico, já que tem de organizar o tempo e espaço da interação e recepção das propostas de ensino a partir de recursos didáticos elaborados pelas instituições. Além de criar dispositivos expositivos sobre a tarefa a ser executada com a devida explicação e resolução de dúvidas, buscando recursos digitais e artesanais que complementam e possibilitam a aprendizagem.

O desafio, nesta pesquisa, é o de tomar o vivido, mas especificamente esses processos de auto-formação, como objeto de análise e reflexão, numa abordagem da pesquisa-formação que pode contribuir para melhor compreender o tempo

presente, mas também nos ampliar o campo de possibilidades evidenciando a necessidade da reinvenção de si e dos coletivos, bem como propor a ecoformação como uma possibilidade pedagógica para o tempo e o espaço da educação em casa, em tempos de pandemia, na sua versão remota.

2. METODOLOGIA

Nesta proposta, utiliza-se da pesquisa-formação articulada a histórias de vida (JOSSO, 1999, 2006, 2016; DELORY-MOMBERGER, 2018), que tem sua centralidade no sujeito aprendiz e considera a complexidade de dinâmicas bio-psico-sócio-culturais na formação de adultos, mas também de crianças.

Nossa situação, no contexto da Pandemia COVID-19, levou-nos à necessidade de isolamento social, mantendo as atividades acadêmicas e sociais, porém em modo remoto. Nesse contexto, distintos processos de "autoformação" passaram a conviver, isso que se revela também numa possibilidade de melhor se compreender o vivido, particularmente a situação da primeira autora: a de estudante de pós-graduação e mãe de três crianças que se viram exigidas a dar continuidade em seus processos formativos por meio virtual, fazendo da casa também a escola, alterando a rotina doméstica. Isso que exigiu versatilidade, mas também o imprevisto, diante de tantos desafios, somados aos riscos inerentes à situação vivida.

A pesquisa-formação revelou-se como uma possibilidade de articular o vivido, revelando aspectos educacionais e sociais, permitindo a necessária "reinvenção de si", por meio da "narrativa" e de um intenso e laborioso processo de reflexão individual e coletiva, que resulta num processo de "escrita de si" tão formativo como testemunho do nosso tempo. Essa modalidade da pesquisa (auto)biográfica nos proporciona um olhar mais atento sobre nós mesmos, buscando refletir e compreender processos vividos nas relações interpessoais. A pesquisa-formação nos desafia a tomar nossa própria experiência como objeto de estudo, em um processo reflexivo com recurso à memória, avançando para narrativa oral e escrita, constituindo-se num texto auto-formativo e de testemunho autobiográfico.

Esse processo autorreflexivo exige uma abordagem retrospectiva e prospectiva, que remete ao passado das experiências vividas, elaboradas e narradas, mas também a um futuro para onde nos projetamos pela via do caminhar em direção à. Vale destacar que narrativa oral ou escrita consiste em um modo privilegiado nessa operação de biografização, mas podemos adicionar outras formas, materiais, comportamentais, simbólicas, como: a aparência física que mostramos de nós mesmos na vida física ou virtual (postura corporal, roupas, eventos, escolhas políticas), nossos modos de ser em público e privado, nossos modos de falar, nossas formas de "habitar", nossos modos de sociabilidade e de relações, nossas formas de aprender o mundo e de transmitir esses conhecimentos, etc. Esse conjunto identitário, implícito ou explícito, se delineia nas formas como vivemos e nos relacionamos com os outros, mas também como produzimos imagens de si.

O esforço reflexivo consiste em explorar o processo de construção de si nesse novo contexto e espaço social, tentando evidenciar como tem-se dado forma às próprias experiências, bem como o sentido das situações e acontecimentos vividos, nas relações de formação, sobretudo com as crianças em processos de escolarização, na modalidade remota.

Nesse contexto, trata-se de registrar de diferentes formas episódios do cotidiano, através de caderno de campo e diário fotográfico, que depois de

recuperados, analisados, tornam-se fonte inspiradora para atividade criadora de uma narrativa (auto)biográfica e auto-formativa, o que requer necessidade de tratar analiticamente a imagem, a partir da semiótica (SANTAELLA, 1999), suscitando a questão de como a narrativa, verbal ou visual, pode ser objeto de análise para falar da formação, já que em seu correspondente alemão (*Bildung*) tem no prefixo (*Bild*) o sentido de “contorno, imagem ou forma” (TOMASELLI, 2017, p. 102).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos baseamos nos conceitos de ecoformação desenvolvido por Gaston Pineau e seu Grupo de Pesquisa em Ecoformação (GREF, na sigla em francês) desde 1992 e na abordagem utilizada por Vera Catalão (2011) sobre aspectos formativos, visando as possibilidades de reunir natureza e cultura na educação, em um pacto pela vida.

Percebe-se cada vez mais a relação entre aspectos cognitivos, expressões emocionais e sociais presentes no processo de aprendizagem, da mesma forma que está “cada vez mais difícil separar quem ensina de quem aprende, tal a alteração que os processos de aprendizagem operam em seus participantes”. (CATALÃO, 2011, p. 76). No texto analisado, Catalão (2011) destaca que Paulo Freire “considera que aprender é um ato de encontro entre pessoas” – uma interação – “mediado pelo mundo”, tendo como premissa que é preciso aprender a “ler o mundo” para que possamos transformá-lo (CATALÃO, 2011, p. 76).

Como analogia a essa leitura de mundo, nessa interação com o mundo, podemos utilizar os conceitos de paisagem e espaço em Santos (2008, p. 68) para situar a necessidade de contextualizar o processo de aprendizagem, em que o “espaço é o que anima as paisagens, é onde o movimento social é impresso na paisagem”. Pensando, então, que, ao aprender, conhecemos nosso espaço e afinamos nosso olhar sobre a paisagem, esta que abriga o espaço onde nosso movimento acontece ou, ainda, nosso contexto.

A abordagem da educação ambiental, como descreve Moacir Gadotti (2010, p. 99), “não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana”.

A ecoformação amplia a dimensão da educação ambiental para uma formação humana permanente (autoformação) (JOSSO, 2020; PINEAU; GALVANI, 2012), quando a educação não é entendida apenas “como um processo educativo de formação para o trabalho, mas como um processo mediador da relação do homem com seu ambiente social e natural” (SILVA, 2008, p. 97). “Considerando essa situação moderna da relação homem/natureza, o conceito de ecoformação se engajaria em um processo de restauração da relação do homem com seu ambiente”. (SILVA, 2008, p. 97).

4. CONCLUSÕES

Na proposta elucidada por Vera Catalão (2011) que ilustra a proposição ecoformativa em seu trabalho de ecoformação de professores, temos pistas de quais ambientes pedagógicos podem favorecer e “resgatar o encantamento e o prazer pelo conhecimento” (CATALÃO, 2011, p. 76). Segundo a autora, esse ambiente seria aquele que propicia vivências corporais e estéticas, que cultivam a sensibilidade e inteligência do corpo, que permite que a informação recebida seja inscrita como que uma internalização do conhecimento no corpo, por meio de jogos,

exercícios corporais, respiratórios e experiências meditativas associadas a imagens e sons.

Com as atividades pedagógicas desenvolvidas e vivenciadas, foi possível observar que o processo de (auto)formação, na articulação dos três tipos de educação (formal, não formal e informal) se deram de maneira sobreposta, interconectada, e por vezes, diluída. Assim como foram também os diferentes tipos de leituras que coexistiram e se formaram nos sujeitos aprendentes, que ora eram ensinados, ora ensinavam, num processo inter e intrageracional, também de maneira ubíqua, conciliando o mundo *ciber* com o real, mas também a auto-formação das crianças com os adultos, da escola com a casa, da cidade com o campo, da cultura e da natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATALÃO, V. A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade. **NUPEAT-IESA-UFG**, 2011. v. 1, n. 2, pp. 74-81.
- CATALÃO, V.; MOURÃO, L.; PATO, C. Educação e ecologia humana: uma epistemologia para a educação ambiental. **Ambiente & educação**, 2009. v. 14. n. 2. p. 27-36.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DELORY-MOMBERGER, C. Motivos pessoais e espaço de pesquisa. Ensaio de uma biografia de pesquisadora. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, p. 39-55.
- GADOTTI, M. Ecopedagogia: Buenos Aires: **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001.
- JOSSO, M-C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.
- JOSSO, M-C. As figuras de ligação nos relatos de formação:. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, 2006. pp.373-383.
- _____. Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B.; BARREIRO, C. B. (Orgs.). **A Aventura (Auto)Biográfica** – Tomo I, 458p. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p.59-89.
- KARNAL, L. O ano ruim. Zero Hora, Porto Alegre, 17-18, outubro 2020. Doc.
- NÓVOA, A. **António Nóvoa na UFSC**: ‘As escolas e universidades precisam de novos ambientes educativos’. 2018. Online. Acessado em: 10 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2018/08/antonio-novoa-na-ufsc-as-escolas-e-universidades-precisam-de-novos-ambientes-educativos/>
- PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde, 1988. p. 63-78.
- PINEAU, G.; GALVANI, P. Experiências de vida e formação docente – Religando os saberes. In: MORAES, M.C.; ALMEIDA, M.C. (Orgs.) **Os sete saberes necessários à educação do presente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. p.185-204.
- SANTAELLA, L.; NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, A. T. R. Ecoformação: reflexões para uma pedagogia ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 18, jul./dez. 2008. p. 95-104
- TOMMASELLI, G.C.G. Formação (Bildung), Cuidado de si, vivência e educação. **Aufklärung**: revista de filosofia, v. 4, n. 1, 2017, p. 91-102